

OS CONTOS INSÓLITOS “EL OTRO”, DE BORGES, E “IDEIAS DO CANÁRIO”, DE MACHADO: DESCONSTRUÇÃO DO DOGMATISMO CIENTÍFICO POR MEIO DA IRONIA.

THE UNUSUAL TALES BORGES' “EL OTRO” AND MACHADO'S “IDEIAS DO CANÁRIO”: THE DECONSTRUCTION OF SCIENTIFIC DOGMATISM THROUGH IRONY.

Patrícia Librenz¹

Antonio Rediver Guizzo²

Resumo: Este artigo tem o objetivo de estabelecer uma comparação entre duas obras literárias, tendo como base uma mesma chave de leitura: a vontade de verdade. A partir de ideias trazidas por Nietzsche (2008) e Foucault (1999), analisa-se a construção do conhecimento, o valor da verdade e os dogmas presentes nos contextos representados nas obras literárias. Nós demonstramos que Jorge Luis Borges e Machado de Assis trabalham com essas perspectivas dentro dos dois contos analisados: *El otro* (1975) e *Ideias do canário* (1899). Com o emprego de uma linguagem fortemente irônica, os autores discutem os mecanismos de produção, reprodução e circulação dos discursos de saber de seu tempo e, por meio das narrativas, demonstram como o excessivo valor outorgado a determinados saberes conduz a dogmatismos empobrecedores. No artigo, demonstramos que o conto de Machado de Assis, publicado no final dos anos 80 do século XIX, discute o conhecimento científico, e o conto de Jorge Luis Borges, publicado em meados da década de 70 do século XX, discute o conhecimento filosófico.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges. Machado de Assis. Crítica ao dogmatismo. Ironia.

Abstract: The aim of this article is to make a comparison between two literary works, based on the same key for reading: the will to truth. Based on ideas established by Nietzsche (2008) and Foucault (1999), this article analyzes the construction of knowledge, the value of truth and dogmas present in the contexts represented in both literary works. We demonstrate that Jorge Luis Borges and Machado de Assis work with these perspectives within the two analyzed short stories: *El otro* (1975) e *Ideias do canário* (1899). Using a strongly ironic language, the authors discuss the production, reproduction and circulation mechanisms of the knowledge discourses at their time and, through the narratives, they

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: patricialibrenz@gmail.com

2 Doutor em Letras pela UNIOESTE de Cascavel (2014). Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada (Mestrado) - PPGLC

demonstrate how the excessive value granted to certain kind of knowledge leads to impoverishing dogmatism. In the article, we demonstrate that the story of Machado de Assis, published in the late 1890s, discuss the scientific knowledge, and the story of Jorge Luis Borges, published in the mid-1970s, discuss the philosophical knowledge.

Keywords: Jorge Luis Borges. Machado de Assis. Criticism of dogmatism. Irony.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, analisaremos duas narrativas latino-americanas, de autores diferentes, cujos temas são universais. Os dois escritores partem de fatos insólitos para criticar a vontade de verdade de diferentes discursos que, no intuito de constituir verdades atemporais, cotejam certo dogmatismo que oblitera demais possibilidades de compreensão dos fenômenos. No entanto, como veremos, os autores o fazem de maneira distinta.

A escolha por Machado de Assis e Jorge Luis Borges deve-se à pertinência de trazer essa discussão temática à tona no âmbito dos estudos literários; além disso, é impossível desconsiderar o prestígio que ambos escritores alcançaram, tanto na América Latina quanto fora dela. A relevância e a contribuição que esses dois escritores tiveram para o destaque da Literatura latino-americana é inquestionável. Apesar de não serem contemporâneos, há algo em suas obras que os aproxima: o gosto pelos temas universais e a maneira que trabalham a ironia.

No conto “Ideias do Canário” (1899), Machado de Assis critica, com o humor ácido que lhe é peculiar, o dogmatismo acerca do conhecimento científico, que ganhou força a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, com a expansão dos métodos de observação e experimentação das ciências naturais e do Positivismo nas ciências sociais.

Já Jorge Luis Borges, no conto “El otro” (1975), também trabalha com a crítica aos discursos de verdade no plano filosófico, para fazer uma reflexão acerca do autoconhecimento humano. Para tanto, Borges utiliza-se da concepção do duplo, um tema muito recorrente na literatura fantástica.

A escolha desses dois contos deve-se ao fato de trazerem à tona temas que são passíveis de uma análise comparatista, além de trabalharem com o discurso da verdade. É interessante observar que os recursos utilizados por ambos para abordar esses temas foram narrativas insólitas, sempre ricas em ironia.

A estruturação deste artigo dar-se-á da seguinte maneira e com os seguintes aportes teóricos: na primeira parte, serão abordados conceitos de Nietzsche sobre verdade e mentira e a ideia da vontade de verdade, de Foucault, convergindo a obra do filósofo alemão com os conceitos presentes em *A ordem do discurso*, do filósofo francês.

O conceito de ironia, por sua vez, será um pano de fundo discutido na segunda parte do trabalho. Para abordá-lo, a principal bibliografia utilizada foi *Ironia em perspectiva polifônica*, de Beth Brait.

Na terceira sessão, apresentaremos o conto “Ideias do Canário” e abordaremos o Positivismo, de Augusto Comte, para contextualizar o Realismo. Na quarta parte, será analisado o conto “El otro”. A teoria do duplo também será abordada nesta seção e, por fim, seguir-se-ão algumas considerações finais acerca do presente trabalho.

A VERDADE COMO DISCURSO ESTRUTURADOR DO CONHECIMENTO

Tanto Nietzsche quanto Foucault explicam que, em nossa sociedade, a verdade está relacionada à moral e, por isso, ela é considerada superior à mentira. Nietzsche (2008) observa que não se sabe de onde provém, no homem, o impulso da verdade, uma vez que os homens apenas ouvem falar desse compromisso que se tem para com ela (ou com o que a sociedade institui como verdade). Ele considera que “a crença na verdade é necessária ao homem” (2008, p. 70) e essa necessidade é social. Para o autor, a verdade é

Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias. (NIETZSCHE, 2008, p. 36).

Em outras palavras, o filósofo alemão considera que a verdade é uma construção social que nunca fora questionada pelo homem. Ela é universalmente aceita, sendo, até certo ponto, superestimada, colocando aquele que falta com a verdade à margem da sociedade. De acordo com esse filósofo, “o homem reivindica a verdade e a despende na relação moral com outros homens, sendo que nisso se baseia toda a vida gregária. As consequências ruins das mútuas mentiras são por ele antecipadas” (NIETZSCHE, 2008, p. 61), visto que a verdade é social e universalmente reconhecida como valor superior, a busca pela verdade transforma-se em compromisso ético, enquanto os discursos não considerados dentro de um sistema de verdade são eliminados ou afastados de qualquer valor. Em consequência, também aquele que não se coaduna com “a verdade” é desconsiderado do grupo dos homens sábios.

Para Foucault (1999), a ordem do discurso é regida pela verdade. Ele exemplifica que “desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, **não tendo verdade nem importância**” (p. 10 – grifos nossos). Nota-se que a verdade está intimamente ligada àquilo que é importante e, portanto, tem valor. Ou seja, o que não é verdadeiro, torna-se, de certa forma, desprezível, abominável.

Segundo o filósofo francês, todo o discurso tem relação com o desejo e com o poder e, assim, ele coloca a vontade de verdade como um sistema de exclusão, uma vez que está profundamente relacionada à construção do conhecimento. Ou seja, “ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1999, p. 17). Isso significa dizer que a verdade implica também os meios de produção dos discursos, por exemplo: enquanto a ciência tem a autoridade do dizer, as demais formas de conhecimento são excluídas.

Ao encontro disso, Nietzsche (2008) comenta que, para o homem, não é a verdade em si que é relevante, o que importa é a crença de haver descoberto a verdade, e a exemplo disso temos em nossa sociedade inúmeras religiões e crenças, o que viabiliza concluir que “a verdade é fria, [mas] a crença na verdade é poderosa” (NIETZSCHE, 2008, p. 90).

Esse sistema da verdade foi, também, aplicado à literatura. Contudo, Nietzsche (2008, p. 61) diz que

Ao narrador épico é permitida a mentira, pois, aqui, não se antevê nenhum efeito nocivo. Assim, lá onde a mentira parece agradável, ela é permitida: a beleza e a agradabilidade da mentira, desde que não cause danos. Lá onde não se pode conhecer nada de verdadeiro, a mentira é permitida.

Mas, de acordo com Foucault (1999), nem sempre foi assim: “Penso na maneira como a literatura ocidental teve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro” (p. 18). Essa noção traz à tona a reflexão acerca do surgimento da literatura fantástica e do insólito ficcional, que, de certo modo, nasceram como uma resposta a este discurso metódico, científico, dogmático, sendo, portanto, uma crítica contundente aos modos de produção da verdade.

Após a explanação de todos esses conceitos, pode-se inferir que a vontade de verdade, de certo modo, é um desejo intrínseco do ser humano de impor discursos como verdade, como possuidores de um valor superior, que não se encontra no que é dito em si, mas nos meios de produção e legitimação do dito. Toda construção discursiva é regida por um sistema e exige-se que perpassasse por algumas instâncias de formação do conhecimento.

Sendo assim, os discursos produzidos no âmbito da academia, por exemplo, são regidos pela vontade de verdade, pois estão sempre à procura dela ou nela embasados, uma vez que provêm de discursos produzidos anteriormente, os quais já possuem um certo valor e reconhecimento do meio acadêmico. Todas as pesquisas científicas partem do pressuposto de que é preciso provar aquilo que se afirma, através de embasamento teórico e/ou de métodos de observação e experimentação. Fornecer provas e mostrar teorias é um reflexo da vontade de verdade, um meio pelo qual tais discursos são produzidos.

A IRONIA COMO ELEMENTO ESTRUTURADOR DO DISCURSO

Um texto irônico tem o poder de exercer sobre o leitor uma espécie de encantamento, pois, ao deixar de lado a seriedade, afasta o tédio e aproxima-se do humor, o que deixa o texto mais atraente. Trata-se de uma atitude linguística que vem sendo estudada há muitos séculos. Os primeiros estudos conhecidos sobre esse procedimento no ocidente datam de Sócrates.

A ironia é um processo discursivo possível de ser observado em diferentes manifestações de linguagem e “cujo destino interpretativo deve fazer parte de seu próprio mecanismo gerativo”, o que significa dizer que “atua segundo uma estratégia que inclui previsões do movimento do outro – tal como acontece em toda estratégia” (ECO, 1986, apud BRAIT, 2008, p. 14). A ambiguidade dessa figura de linguagem reside no fato de ela ser uma atitude que vai contra a verdade para se dizer a verdade. Ao encontro disso, Schlegel (apud BRAIT, 2008), criador do conceito romântico de ironia, afirma que ela é um elemento que garante ao poeta a liberdade de espírito. Essa concepção introduz a noção filosófica de ironia socrática na dimensão literária:

A ironia é a única dissimulação absolutamente involuntária e, no entanto, refletida [...]. Nela tudo deve ser brincadeira e seriedade, expansão sincera e profunda dissimulação [...] Ela contém a suscita o sentimento do conflito insolúvel do absoluto

e do circunstancial, da impossibilidade e da necessidade de uma comunicação total [...] (SCHLEGEL, apud BANGE, 1978, p. 76)

Ainda de acordo com Brait, a ironia é estruturadora de textos e articuladora de discursos, uma vez que “os discursos literários irônicos demonstram uma força de ruptura com estilos anteriores, utilizando justamente a estratégia da ironia em seus diversos mecanismos a fim de representar e revelar as formas esgotadas” (2008, p. 72). Aqui, pode-se mencionar aquele problema apresentado anteriormente por Foucault, quando os autores das narrativas deveriam ter compromisso com a verdade – é justamente essa a relação existente entre verdade e ironia. Mais adiante, veremos como Machado de Assis e Jorge Luis Borges se utilizam da ironia e fazem dela um recurso de estilo literário.

Para finalizar, a autora pontua que

alguns estudiosos da literatura e mesmo escritores conceberam a ironia como princípio de estruturação de um texto. Ainda que não seja necessário mencionar autores e obras, pois isso significaria listar desde Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, passando por Defoe, Swift, Voltaire, Thomas Mann, Flaubert, Henry James, e ainda correr o risco de deixar de lado tantos outros tão representativos quanto Proust, **Machado de Assis e Borges**, basta lembrar, para os interesses de uma perspectiva discursiva, que esse enfoque dimensiona a ironia no nível do discurso, do texto, com todas as consequências que esse ponto de vista acarreta para a literatura, para a estética, para a teoria do conhecimento e para a própria teoria da linguagem. (BRAIT, 2008, p. 70 – grifos nossos)

Como se pode ver, Machado e Borges ocupam uma posição central na contemporaneidade ao se pensar em ironia literária. Ou seja, para estudar comparativamente as narrativas dos dois escritores faz-se necessário levar em conta a riqueza e a intenção de seus discursos irônicos. Além da relevância e da representatividade de ambos, o que os aproxima, esteticamente, é justamente o insólito e o fantástico, permeados pela presença de um discurso fortemente irônico. Essas características de suas obras, por vezes, colocam em cheque a própria credibilidade de seus narradores, o que, consequentemente, também inscreve essas narrativas fora do âmbito dos sistemas de verdade legitimados na época em que foram escritas, revelando, também, a experimentação literária que constitui a riqueza de suas obras.

A IRONIA COMO ESTRATÉGIA DE (DES) CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DA VERDADE EM EL OTRO E IDEIAS DO CANÁRIO

Nesta seção, serão analisados os dois contos, um de Jorge Luis Borges e um de Machado de Assis. Nestas narrativas, ambos os escritores criticam a vontade de verdade presente em diferentes discursos que, no intuito de constituir verdades atemporais, cotejam certo dogmatismo que oblitera demais possibilidades de compreensão dos fenômenos. No entanto, como veremos, os autores o fazem de maneira distinta.

“Ideias do canário” é um conto publicado no livro *Páginas Recolhidas* (1899). Nesta obra, Machado de Assis critica o dogmatismo acerca do conhecimento científico, que ganhou força a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, com a expansão dos métodos de observação e experimentação das ciências naturais e do Positivismo nas ciências sociais.

Já Jorge Luis Borges, no conto “El otro” (1975), trabalha com a crítica aos discursos de verdade no plano filosófico, para fazer uma reflexão acerca do autoconhecimento humano. Para tanto, Borges utiliza-se da concepção do duplo, um tema muito recorrente em sua literatura e que servirá como chave de leitura secundária para esta análise, pelo fato de não ser possível ignorar a importância de tal temática na constituição da narrativa. Segundo França (2009), o tema do duplo, escolhido por Borges para essa abordagem temática, é bastante recorrente na literatura, aparecendo desde textos da Antiguidade até a literatura contemporânea, sendo muito explorado, especialmente, na literatura fantástica. Até mesmo algumas religiões, ao falarem da separação entre corpo e alma, sugerem que existe uma natureza dupla do homem, cujas metades vivem em conflito: “Mesmo no Gênesis, o homem é apresentado inicialmente como uno e então separado em dois” (FRANÇA, 2009, p. 10).

A escolha desses contos deve-se ao fato de trazerem à tona temas extremamente pertinentes a uma discussão literária: Machado irá tratar do conhecimento científico e Borges do conhecimento de si mesmo. Ou seja, enquanto um volta-se à constituição do discurso científico de sua época, o outro volta-se às reflexões filosóficas sobre o sujeito. A narrativa de Borges é mais metafísica que a de Machado, e trata de um tema que vem sendo discutido desde Sócrates; o conto brasileiro, por sua vez, está entranhado no contexto histórico do Positivismo e é uma resposta ao excessivo valor que a sociedade atribuía à ciência, como sendo o único método de se chegar a um conhecimento verdadeiro.

Em “El otro” Borges faz uso de um recurso muito comum em suas narrativas: coloca-se como personagem de suas ficções, sendo, portanto, autor, narrador e personagem. Neste sentido, este conto traz outras possibilidades de leitura do tema do duplo ao tratar de “três conceitos especulares que falam diretamente ao arcabouço teórico com o qual nós, estudiosos de literatura, gostamos de nos confrontar: o desdobramento do eu nas identidades do escritor, do autor e do narrador” (VERSIANI, 2009, p. 224).

No conto, o duplo é representado por meio do encontro do Borges de 1969, já velho, consigo mesmo em 1918, ainda um jovem ambicioso e certo de um “grande número de verdades”. A história é narrada da perspectiva do personagem mais velho (em 1972):

El hecho ocurrió en el mes de febrero de 1969, al norte de Boston, en Cambridge. No lo escribí inmediatamente porque mi primer propósito fue olvidarlo, para no perder la razón. Ahora, en 1972, pienso que si lo escribo, los otros lo leerán como un cuento y, con los años, lo será tal vez para mí. (BORGES, [1975] 2011, p. 13)

Aqui, o narrador relata que teve experiência tão assustadora e avassaladora que ele preferiu tentar esquecê-la para não enlouquecer. Anos mais tarde, resolveu escrevê-la, para que os outros a lessem como um conto e na esperança de que, com o tempo, assim o fosse também para ele. Posteriormente, Borges lança mão de um artifício que o leitor atento poderia, mais adiante, no texto, usar como justificativa ao fato que sucedeu posteriormente, que é quando o narrador antecipa aos leitores ter tido a impressão de já ter vivido aquilo: “Sentí de golpe la impresión (que según los psicólogos corresponde a los estados de fatiga) de haber vivido ya aquel momento” (BORGES, [1975] 2011, p. 13).

Em “Ideias do canário” Machado de Assis também apresenta uma estrutura de composição inovadora, logo no início da narrativa. Começa o conto com um narrador observador em terceira pessoa, que dá a palavra para uma das personagens:

Um homem dado a estudos de ornitologia, por nome Macedo, referiu a alguns amigos um caso tão extraordinário que ninguém lhe deu crédito. Alguns chegaram a supor que Macedo virou o juízo. Eis aqui o resumo da narração. No princípio do mês passado, – disse ele, – indo por uma rua, sucedeu que um tílburu à disparada, quase me atirou ao chão. Escapei saltando para dentro de uma loja de belchior. (ASSIS, [1899] 2016, s/p. – grifos nossos)

O destaque do trecho acima justifica-se por ter chamado nossa atenção o fato de o primeiro narrador referir-se ironicamente a Macedo (antes mesmo de revelar seu nome), como um “homem dado a estudos de ornitologia” - ou seja, não se tratava de um ornitólogo propriamente dito, mas talvez um *pseudo-ornitólogo* ou, no sentido *lato* da nossa análise, um *pseudocientista*. Quem narra a história, portanto, é Macedo, que relata sua convivência com um canário, que não apenas conversava, mas trazia à tona reflexões bastante filosóficas para um ser irracional. Muito antes de Borges, Machado de Assis já vinha utilizando-se de narrativas insólitas para abordar os temas de sua época.

De acordo com Massaud Moises, a primeira conclusão que se pode tirar do contexto no qual se desenvolveu o Realismo é de que foi que foi dado um “excessivo valor à ciência” (MOISES, 2001, p. 14). O Positivismo, de Augusto Comte, “propunha-se como uma tentativa de sistematização do conhecimento humano em forma de pirâmide, cujo vértice fosse ocupado pela Sociologia” (MOISES, 2001, p. 14). Não só o positivismo de Comte estava em alta, como o cientificismo de forma mais ampla, apoiado, também, na teoria evolucionista de Darwin, mas “o dado positivo, como ensinava Comte, passa a substituir o “mistério” e as alegorias do idealismo romântico, e os fatos, observáveis, documentáveis, analisáveis experimentáveis, a ocupar o território antes dominado pelo devaneio e a fantasia” (MOISES, 2001, p. 15). Como o bruxo do Cosme Velho respondeu essa crítica à fantasia? Escrevendo várias narrativas de índole fantástica, sendo uma delas justamente esta: “Ideias do canário”.

O fato insólito, por sua vez, aparece no conto de Borges justamente através do sujeito duplicado. As palavras seguintes retiradas do conto do escritor portenho descrevem o momento exato da duplicação do narrador:

En la otra punta de mi banco alguien se había sentado. Yo hubiera preferido estar solo, pero no quise levantarme en seguida, para no mostrarme incivil. El otro se había puesto a silbar. [...]. Luego vinieron las palabras. Eran las de la décima del principio. La voz no era la de Álvaro³, pero quería parecerse a la de Álvaro. La reconocí con horror. (BORGES, [1975] 2011, p. 13)

A vontade de verdade vem à tona no momento em que o narrador dá-se conta de que “o outro” também era ele. Contudo, o seu eu duplicado não acreditava que aquele encontro fosse possível:

–[...] Yo también soy Jorge Luis Borges. Estamos en 1969, en la ciudad de Cambridge.

–No – me respondió con mi propia voz un poco lejana.

Al cabo de un tiempo insistió:

3 Álvaro foi citado nesta história somente neste momento. Trata-se de um tio do autor Jorge Luis Borges, segundo é explicado em outras obras do escritor (nos contos *Funes*, *El memorioso* e no poema *El puñal*).

–Yo estoy aquí en Ginebra, en un banco, a unos pasos del Ródano. Lo raro es que nos parecemos, pero usted es mucho mayor, con la cabeza gris.

Yo le contesté:

–**Puedo probarte que no miento.** Voy a decirte cosas que no puede saber un desconocido. (BORGES, [1975] 2011, p. 14 – grifos nossos)

Após citar uma série de fatos e acontecimentos históricos e de ordem pessoal (que um estranho jamais seria capaz de saber), a fim de “provar” ao seu interlocutor de que eles eram a mesma pessoa, o narrador indaga: “[...] – ¿Te basta con todo eso? – No – respondió – **Esas pruebas no prueban nada.** Si yo lo estoy soñando, es natural que sepa lo que yo sé. Su catálogo prolijo es del todo vano. La objeción era justa.” (BORGES, [1975] 2011, p. 14 – grifos nossos).

Já neste próximo excerto do conto brasileiro, é possível observar, em negrito, as presenças tanto da ironia quanto da vontade de verdade.

O canário, movendo a um lado e outro, esperava que eu lhe falasse. Perguntei-lhe então se tinha saudades do espaço azul e infinito...

– Mas, caro homem, trilou o canário, que quer dizer espaço azul e infinito?

– Mas, perdão, que pensas deste mundo? Que coisa é o mundo?

– O mundo, **redarguiu o canário com certo ar de professor**, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. **Fora daí, tudo é ilusão e mentira.** (ASSIS, [1899] 2016, s/p. – grifos nossos)

Interessante aqui é observar como a construção da linguagem nos traz uma ideia de um canário soberbo e arrogante. Quem são os professores, senão os disseminadores do conhecimento e, portanto, detentores da verdade? Macedo, então, compra o canário e o leva para sua casa. Lá, ele é colocado em uma varanda, de frente para um jardim, e ganha outra gaiola, maior e redonda:

Três semanas depois da entrada do canário em minha casa, pedi-lhe que me repetisse a definição do mundo.

– O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e **um pouco de azul por cima**; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. **Tudo o mais é ilusão e mentira.** (ASSIS, [1899] 2016, s/p. – grifos nossos)

Aqui, sem saber, pássaro já descreve uma parte do céu que ele consegue ver de dentro da gaiola que limita sua percepção de espaço. Novamente, ele fecha sua fala com sua tradicional empáfia: “Tudo mais é ilusão e mentira”, ou seja, coloca-se como o dono da verdade, de forma a considerar que alguém que disser algo diferente do que ele diz, estará, automaticamente, mentindo.

A vontade de verdade também perpassa toda a narrativa borgiana, sempre no sentido do narrador tentar provar ao “outro” acerca da veracidade daquele encontro e mostra a preocupação do “outro” em ter sempre uma explicação plausível.

De pronto dijo:

– Si usted ha sido yo, ¿**cómo explicar que haya olvidado su encuentro con un señor de edad que en 1918 le dijo que él también era Borges?**

No había pensado en esa dificultad. Le respondí sin convicción:

– Tal vez el hecho fue tan extraño que traté de olvidarlo.

(BORGES, [1975] 2011, p. 17)

Aqui, o jovem Borges quer que o seu interlocutor explique, já que é ele mesmo “no futuro”, como ele teria esquecido um encontro com senhor de idade que, em 1918, lhe disse que também era Borges (afinal, não é o tipo de coisa da qual se esquece facilmente). Em consonância com o objeto de estudo deste artigo, a relação estabelecida aqui ocorre entre o fenômeno do duplo e o autoconhecimento humano, uma vez que

O desdobramento tem assim, muitas vezes, um benéfico poder revelador para o indivíduo, que reconhece e identifica, na semelhança do duplo, aspectos até então desconhecidos de seu próprio caráter [...]. Os desdobramentos das imagens do eu, as autoduplicações da consciência, podem, portanto, revelar tanto a semelhança quanto a diferença. (FRANÇA, 2009, p. 8)

Contudo, o que há de semelhante e de diferente entre os dois Borges? As atitudes do mais velho, por exemplo, demonstram que a vida lhe ensinou paciência e contemplação. Por mais insólito e absurdo que lhe parecesse aquele evento, em momento algum houve exaltação, apenas satisfação ao receber este privilégio de encontrar-se consigo mesmo e poder refletir em quais pontos evoluíra e quais características “o outro” (o jovem Borges) possuía e que ele (o velho Borges), com o passar dos anos, havia perdido – como, por exemplo, a capacidade de encantar-se e surpreender-se com “milagres”.

“O outro”, no auge de sua juventude, demonstra ansiedade a cada pergunta; duvida até mesmo do que está diante de seus olhos, sendo, em determinados momentos, até um pouco arrogante ao exibir tanta certeza e segurança sobre aquilo que acredita. Um era muito emocional e, outro, muito racional. “Há épocas em que o homem racional e o homem intuitivo colocam-se lado a lado, um com medo da intuição, outro ridicularizando a abstração; o último é tão irracional quanto o primeiro é inartístico” (NIETZSCHE, 2008, p. 49).

A ironia, por sua vez reside na história narrada, mas está, também, presente na linguagem:

–No sé la cifra de los libros que escribirás, pero sé que son demasiados. Escribirás poesías que te darán un agrado no compartido y cuentos de índole fantástica. Darás clases como tu padre y como tantos otros de nuestra sangre. **Me agradó que nada me preguntara sobre el fracaso o éxito de los libros.** (BORGES, [1975] 2011, p. 15 – grifos nossos)

Voltando ao conto de Machado de Assis, após levar o canário para sua casa, Macedo isola-se do mundo e dedica-se aos livros, a fim de compreender, de dentro de um escritório (quase que uma gaiola humana), o que é o mundo. Por dormir e alimentar-se mal, o narrador adocece e o canário, que fica aos cuidados de criados, acaba fugindo. Algum

tempo depois, ao visitar um amigo que morava em uma chácara próxima dali, Macedo encontra o passarinho vivendo em liberdade, na propriedade do amigo:

– Viva, Sr. Macedo, por onde tem andado que desapareceu?

Era o canário; estava no galho de uma árvore. Imaginem como fiquei, e o que lhe disse. O meu amigo cuidou que eu estivesse doido; mas que me importavam cuidados de amigos? Falei ao canário com ternura, pedi-lhe que viesse continuar a conversação, naquele nosso mundo composto de um jardim e repuxo, varanda e gaiola branca e circular...

– Que jardim? que repuxo?

– O mundo, meu querido.

– Que mundo? **Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima.**

Indignado, retorqui-lhe que, se eu lhe desse crédito, o mundo era tudo; até já fora uma loja de belchior...

– De belchior? trilou ele às bandeiras despregadas. **Mas há mesmo lojas de belchior?** (ASSIS, [1899] 2016, s/p. – grifos nossos)

Note-se que o canário muda sua concepção de mundo toda vez em que o espaço em que vive é alterado. No início da narrativa, ele foi descrito pelo narrador como um canário “com certo ar de professor” – o detentor da verdade. Ao final, o próprio canário critica esse posicionamento dos mestres ao dizer que Macedo não perdia “os maus costumes de professor”. O efeito irônico fica evidente.

O tom debochado do passarinho não cessa aí, sendo que ele chega a questionar, ao final: “há mesmo lojas de belchior?” (um convite à reflexão, que poderia soar como “existe mesmo uma verdade?”). Se Nietzsche fosse posterior à Machado, a seguinte citação, no mínimo instigante, poderia perfeitamente ser alusiva a este conto:

Exige-lhe esforço, inclusive, admitir para si mesmo o fato de que o inseto ou o pássaro percebem um mundo totalmente diferente daquele percebido pelo homem, sendo que a pergunta por qual das duas percepções de mundo é a mais correta não possui qualquer sentido, haja vista que, para responde-la, a questão teria de ser previamente medida com o critério atinente à percepção correta, isto é, de acordo com um critério que não está à disposição. (NIETZSCHE, 2008, p. 41)

Veja que aqui ocorre uma inversão: ao adquirir a liberdade, o canário desprende-se, também, da necessidade da verdade, deixando de lado suas características de “professor” e abandonando o discurso de que “tudo mais é ilusão e mentira”. Ao perceber que sua percepção de mundo é alterada, que a verdade é relativa e mutável, o canário muda de atitude, deixa de ter certeza sobre tudo e acaba por concluir que o mundo é “um espaço infinito e azul” – ironicamente, como descrito por Macedo logo no início do conto (quando este perguntou ao pássaro se ele não tinha saudades do espaço azul e infinito).

Já estratégia irônica utilizada por Borges vai ao encontro de uma reflexão mais filosófica acerca da essência do ser e do que realmente é importante para ele. Este outro excerto do texto também demonstra um pouco da ironia contida na linguagem de Borges em “El otro”: “—Tal vez el hecho fue tan extraño que traté de olvidarlo. Aventuró una tímida pregunta: **—¿Cómo anda su memoria?**” (BORGES, [1975] 2011, p. 17 – grifos nossos). Aqui a ironia está presente no discurso dos dois enunciadores, tanto na pergunta do jovem Borges acerca de como estava a memória do ancião (note-se que a ironia não se deu pela pergunta em si, mas sim pelo contexto em que ela foi proferida – logo após uma explicação sem muita convicção por parte do narrador).

Ao final, ainda comprometido em encontrar a verdade, o narrador diz:

Creo haber descubierto la clave. El encuentro fue real, pero el otro conversó conmigo en un sueño y fue así que pudo olvidarme; yo conversé con él en la vigilia y todavía me atormenta el recuerdo. El otro me soñó, pero no me soñó rigurosamente. Soñó, ahora lo entiendo, la imposible fecha en el dólar. (BORGES, [1975] 2011, p. 19)

Eis a grande ironia do conto: quem mais tinha certeza que o encontro estava de fato acontecendo, ao final, ficou em dúvida, já quem hesitava saiu maravilhado com o “milagre” presenciado. Com isso, pode-se considerar que algo mudou nos dois: “o outro” mudou o velho Borges, na medida em que esse se deixou mudar pelo “outro”. Essa reflexão sobre a participação do sujeito na construção dos discursos ditos verdadeiros constitui a verdadeira crítica aos dogmas: não existe uma verdade absoluta, ela é relativa, cada indivíduo tem a sua própria verdade e ela não é imutável. Como diria Nietzsche (2008, p. 41), “a percepção correta [...] é uma contraditória absurdidade: pois, entre duas esferas absolutamente diferentes [...] não vigora nenhuma causalidade, nenhuma exatidão”.

Conforme Bakhtin (apud CAVALHEIRO, 2011, p. 161), “o eu precisa de seu outro a fim de que possa saber de si, seja para recordar, seja para sonhar, seja para viver, pois é somente através do outro que consegue dar sentido ao mesmo”. Ou seja, somente ao se confrontar consigo mesmo o homem é capaz de encontrar-se e desvendar seu próprio eu – as respostas que buscamos não estão na verdade externa à nossa realidade e sim no conhecimento de nós mesmos. De certo modo, o conto “El otro” também dialoga com a máxima socrática “Conhece-te a ti mesmo” que, conforme sabemos, relaciona-se para Sócrates tanto com o autoconhecimento como com a necessária compreensão de si para o exercício ético da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis faz uma crítica à vontade de verdade presente no discurso Positivista, relativizando a importância da verdade e, consequentemente, da ciência; Borges, por sua vez, traz a concepção do duplo para levantar uma questão filosófico-existencial e também relativiza a importância da verdade, uma vez que o homem está em constante transformação, o que faz com que a verdade não seja algo imutável. Assim, pode-se dizer que o conto de Machado trata do conhecimento científico e o de Borges do conhecimento de si mesmo. Ou seja, um fala de Ciência, o outro de Filosofia.

Sendo assim, Borges apresenta a ideia de que o conhecimento de si mesmo é mais importante do que obter respostas claras e precisas para explicar determinados fatos.

Confrontar-se constantemente seria uma estratégia para não entrar em conflito com seu “outro eu”. Quando o homem sabe quem é, ele não sente necessidade de uma verdade universal ou científica, o que vai ao encontro da ideia de Nietzsche (2008), que dizia que a verdade é indiferente ao homem.

Assim, ambos tocam em esferas distintas de um mesmo ponto importante: a (des) construção do conhecimento ocidental. Machado de Assis, nos dois discursos selecionados para esta análise, busca desconstruir o conhecimento científico como sendo a única alternativa à verdade. Afinal, ainda hoje, sabe-se que a ciência não é capaz de explicar tudo e não possui todas as respostas para todas as perguntas. Borges tenta construir um discurso em prol do conhecimento de si mesmo como a chave para encontrar suas verdades, mesmo que elas não estejam de acordo com o mundo concreto.

Embora haja uma grande separação cronológica entre os dois contos (1899 – 1975), acreditamos ter ficado evidente como a constituição de personagens fora do padrão (um cientista doido que falava com seu pássaro; um homem duplicado conversando com sua versão mais jovem), fatos surpreendentes, insólitos e, do ponto de vista positivista, impossíveis (a existência de um pássaro falante; uma possível “viagem no tempo”), em certa medida, representam uma crítica contundente à vontade de verdade e à postura dogmática de discursos de caráter filosófico e/ou científico.

Tanto o Canário quanto o Borges de 1918 possuem uma grande vontade de “desmascarar a mentira”. Isso fica evidente no discurso do pássaro quando diz que “tudo o mais é ilusão ou mentira” e, assim, coloca-se como o detentor da única verdade possível. No jovem Borges, a desconfiança para com o sobrenatural mostra-se nos vários momentos em que tenta provar ao seu interlocutor acerca da impossibilidade daquele diálogo ser real.

Borges muda sua concepção de mundo ao longo do tempo (“Meu sonho já durou setenta anos”): amadurece, torna-se mais paciente, menos ansioso e menos arrogante ao considerar que não tem certeza sobre a verdade daquele acontecimento. E o canário, quando conquista a liberdade, também amadurece e deixa de lado sua arrogância e aquela vontade da verdade que marcava o final dos seus discursos. Em sua última análise sobre o que era o mundo, ele deixou de dizer que “tudo mais é ilusão ou mentira”.

Observamos, dessa forma, que essas narrativas representam uma ruptura com aquela estética literária ultrapassada do discurso verdadeiro e que a ironia, a exemplo do fatos incomuns, foi uma estratégia utilizada pelos escritores para reforçar esse rompimento com as ditas “formas esgotadas”, uma vez que “o que se entende por ironia é a tentativa de suportar sua situação crítica pelo recuo e pela inversão” (SZONDI, 1991, apud BRAIT, 2008, p. 34).

Macedo, no ímpeto de buscar respostas exatas para tudo, adoeceu. O jovem Borges, ansioso por uma explicação daquele fato insólito, mal dava ouvidos ao seu interlocutor, que tanto poderia lhe ensinar.

A narrativa do brasileiro encerra-se com a frase do canário: “Lojas de Belchior? Existem mesmo lojas de Belchior?”; e a narrativa argentina termina com a ideia do velho Borges: “El encuentro fue real, pero el otro conversó conmigo en un sueño y fue así que pudo olvidarme; yo conversé con él en la vigilia y todavía me atormenta el recuerdo. El otro me soñó, pero no me soñó rigurosamente. Soñó, ahora lo entiendo, la imposible fecha en el dólar.»

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. Ideias do Canário. In: *Páginas Recolhidas*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000224.pdf>>. Acesso em 17 out. 2016.
- BORGES, Jorge Luis. El Otro. In: *Obras Completas 3 (1975-1985)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- CAVALHEIRO, Juciane; FONSECA, Rosa Maria Tavares. O duplo em Borges: Análise dos contos "O outro", "O sul", "O inverossímil impostor Tom Castro" e "O morto". In: *Anuário de Literatura*, vol. 16, n. 1, p. 154-170, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FRANÇA, Julio. Apresentação. In: GARCIA, Flávio; MOTTA, Marcus Alexandre (orgs). *O insólito e seu duplo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. Vol. II. São Paulo: Cultrix, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira*. Tradução e organização de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.
- VERSIANI, Daniela Beccaccia. Saramago, Borges, Collodi, Calvino: Calvino, Collodi, Borges, Saramago. In: GARCIA, Flávio; MOTTA, Marcus Alexandre (orgs). *O insólito e seu duplo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

Submetido em 31 de outubro de 2017

Aceito em 17 de maio de 2018